

Dançando pelo Brasil

Jacqueline Cristina Jesus Martins

Nós, os professores da Escola Estadual Alcides da Costa Vidigal, elegemos como tema norteador das nossas ações didáticas a diversidade cultural brasileira. Durante as reuniões de planejamento, discutimos a organização e as possibilidades de realização do trabalho em todas as áreas do conhecimento. Decidimos que cada ano do ciclo ficaria responsável por uma região brasileira e que os componentes curriculares Arte e Educação Física abordariam em suas aulas as práticas de todas as regiões, pois assim ampliaríamos e aprofundaríamos o conhecimento sobre a diversidade cultural brasileira em todos os anos do ciclo. Para o trabalho das professoras de sala, as regiões ficaram definidas da seguinte forma: 1º anos – Região Sul; 2º anos – Região Centro-Oeste; 3º anos – Região Sudeste; 4º anos – Região Norte e 5º anos – Região Nordeste. Também acordamos que ao final do semestre realizaríamos uma apresentação com a temática da diversidade cultural brasileira, e que para essa apresentação cada ano do ciclo apresentaria práticas da região que foi estudada.

O presente texto relata as experiências das aulas de Educação Física com as cinco turmas de 1º ano da escola (A/B/C/D/E), pois eu fui a professora de todas as turmas desse ano do ciclo. Para dialogar com o projeto da escola, selecionei a dança como manifestação cultural a ser estudada, pois acredito que essa é uma prática corporal muito diversa em nosso país e que poderia contribuir com os alunos na construção do conhecimento sobre a diversidade cultural brasileira. A escolha dessa manifestação deu-se por dois motivos: o primeiro baseou-se nas observações que venho fazendo sobre as práticas corporais dos alunos e da comunidade em que a escola está inserida, por meio das quais identifiquei que as danças estão presentes em vários momentos da escola, como recreio, entrada e saída, pois os alunos estão com seus aparelhos eletrônicos tocando músicas. O segundo motivo está relacionado à tentativa de romper com

a ideia de que as aulas de Educação Física para os 1^{os} anos devem ser baseadas apenas nas brincadeiras. Sim, as brincadeiras ocupam boa parte do tempo das crianças, mas estas também praticam e conhecem outras manifestações da cultura corporal, como as danças, as lutas e os esportes. Logo que apresentei minha proposta ao grupo de professores, alguns não gostaram, argumentaram que o tema deveria ser as brincadeiras das diferentes regiões do país, partindo da ideia de que as práticas corporais das crianças de 6 anos devem ser as brincadeiras. Porém, mantive minha proposta, apresentando meus argumentos e o que eu pretendia trabalhar. A minha tomada de decisão também está ancorada na ideia de que dentro do componente curricular Educação Física quem deve decidir ou não as proposições de trabalho são os professores de Educação Física da escola em que o trabalho acontecerá, e não outros agentes da escola ou de outros locais.

Nos últimos anos, as músicas estão compondo cada vez mais o universo das crianças e jovens. Com os avanços da tecnologia é muito comum vermos crianças e jovens com seus celulares, iPads, iPods e *tablets* ouvindo músicas. É prática comum entre esses grupos assistir, divulgar e publicar passos de danças e coreografias na internet, assim como realizar as danças em seus momentos de lazer e em espaços fora da escola. Observei também entre meus alunos dos 1^{os} anos que alguns deles têm celulares, mas não com linha para poderem se comunicar com as famílias, e sim apenas com recursos para tirar fotos e ouvir músicas. A partir dessas observações, como não abordar essa manifestação da cultura corporal com esses alunos?

A coordenação e a direção da escola concordaram com o meu plano de ensino, mas para alguns professores tudo ficou pior quando apresentei que, entre os ritmos que estudaríamos, estava o *funk*. Por diversos motivos o *funk* não é bem visto por alguns grupos sociais, porém no meu entendimento ele é um ritmo que representa muito a Região Sudeste, pois São Paulo e Rio de Janeiro são grandes produtores dessa manifestação, além do ritmo ser reconhecido mundialmente como brasileiro. O trabalho não focaria apenas no ritmo *funk*, mas também as possibilidades de dançá-lo. Outras práticas corporais já sofreram muitas críticas por conta do grupo social que as praticam ou pelo local em que foram criadas. Hoje

temos o *funk* como grande protagonista dessa condição, porém já foi assim com o *rap*, com o samba e outras danças que representam os grupos sociais subjugados.

Após a identificação de como as músicas e as danças estão presentes na sociedade brasileira e na realidade dos alunos do Vidigal, resolvi trazer as danças para as aulas de Educação Física com a intenção de conhecer um pouco melhor como essa manifestação acontece em outros locais do nosso país. O trabalho com as danças dentro da escola quase sempre acontece apenas nos momentos de ensaios para festas e apresentações. Pouco observo sobre o estudo das danças que contribua com o processo de leitura dessas práticas corporais. Organizei meu trabalho de forma que os conhecimentos adquiridos em nossas aulas contribuíssem com o modo que os estudantes compreendem o que é dançar e para que passem a construir suas próprias formas de dançar, tentando romper com a reprodução de movimentos e de coreografias prontas. Dessa forma tentei construir nosso percurso de um jeito que as construções das possibilidades de dançar e o conhecimento das diferenças que existem com relação às danças fossem respeitados e valorizados. Com essa intenção, os objetivos do trabalho realizado foram:

- atuar de modo a superar os estereótipos e preconceitos que acompanham as produções culturais dos grupos minoritários relativos à dança;
- conhecer as diferentes manifestações de danças existentes no Brasil, compreendendo a diversidade cultural como forma de expressão de um povo;
- conhecer, ressignificar, aprofundar e ampliar os conhecimentos dos alunos em torno da manifestação corporal dança;
- cultivar e valorizar a cultura rítmica brasileira ampliando o conhecimento a respeito das danças pertencentes à cultura popular, contribuindo para sua preservação e desenvolvimento;
- identificar a dança como opção de lazer de acordo com interesses do grupo, planejando, organizando e executando, de forma autônoma, atividades que incluam essas manifestações nos momentos de lazer;
- reconhecer algumas possibilidades de realizar as danças (coreografadas, circular, casal e improvisado);

- reconstruir e vivenciar as danças propostas em conformidade com as características do grupo e da dança;
- identificar as características das danças brasileiras, bem como seus participantes, reconhecendo as formas (vestuário, ritmo, instrumentos, passos etc.) e origens (contexto sócio-histórico e cultural) dessas manifestações como fenômeno cultural;
- vivenciar processos de criação e improvisação das danças dos ritmos estudados.

Minha primeira ação de mapeamento dos conhecimentos dos alunos acerca do tema que estudaríamos aconteceu no baile de Carnaval no início do ano. Com a intenção de observar o que os alunos já conheciam de danças, preparei uma seleção de músicas com os diversos ritmos que estão relacionados às manifestações de Carnaval em nosso país: samba-enredo, marchinhas de Carnaval; pagode, samba, axé e algumas músicas que não estavam relacionadas diretamente com o Carnaval, mas que tinham coreografias que estavam na “moda”. Observei no baile que, durante as músicas de ritmos pouco conhecidos pelas crianças, elas faziam trenzinhos, rodas para dançar no centro, ficavam paradas ou vinham me pedir para trocar a música e solicitavam as que elas queriam. Já quando as músicas da “moda” tocavam, as crianças dançavam animadamente, na sua maioria repetindo coreografias dos cliques ou as danças apresentadas pelos cantores ou bandas. Essa observação me mostrou o quanto nossas danças estão sendo influenciadas apenas pelas mídias, deixando de lado o processo criativo e expressivo dos sujeitos. Registrei no meu caderno que esse era um dos pontos importantes para trabalhar com os alunos, mas tinha clareza das dificuldades, pois o alcance das mídias é bem maior do que nossas ações na escola. Porém, tive certeza de que seria importante tentar discutir essas questões com os alunos, e fui pensando em como levar essas discussões para as aulas.

Após essa atividade certifiquei-me de que estudar as danças brasileiras em nossas aulas seria interessante para os alunos, pois com nossos estudos eu pretendia ajudar os estudantes a conhecer o que dançar pode representar para diversos grupos da cultura brasileira e para eles mesmos.

Iniciando as aulas, levantei algumas questões sobre o que os alunos conhecem sobre as danças: onde eles dançam; quando dançam; por que

dançam; quem na família deles dança etc. As respostas caminharam na direção das danças nos momentos de lazer, para se divertir e brincar e em festas, churrascos, aniversários e comemorações nas escolas.

Continuando minhas ações do mapeamento, era o momento de perceber como eles dançavam, pois no baile eu havia tido uma visão geral do comportamento de vários grupos, e agora era o momento de observar como esses alunos significavam as danças. Novamente levei para a aula uma atividade com vários ritmos musicais, mas agora era um pouco diferente da proposta do baile de Carnaval. Levei uma diversidade muito grande de músicas, de outros países (tarantela, dança do ventre, tango), ritmos que se dançam em casais, danças com coreografias, danças de improviso, e fui observando o comportamento dos alunos em cada uma das músicas apresentadas. Algumas crianças dançavam todos os ritmos da mesma forma, havia as que dançavam apenas o que já conheciam, outras, mais desinibidas, inventavam movimentos de acordo com a música, e algumas até arriscavam fazer duplas para as danças que eram realizadas assim. Essas observações serviram de inspiração para minhas novas ações didáticas nas aulas.

Como percebi que na atividade da aula anterior algumas crianças ainda estavam tímidas para realizar as danças, pensei em outras possibilidades que pudessem deixá-las mais à vontade. Organizei para as próximas aulas brincadeiras relacionadas a músicas e danças, pois pensei que o aluno mais inibido talvez se soltasse mais pelo estímulo das brincadeiras e, por isso, nas aulas seguintes fizemos brincadeiras como a de estátua e a dança da cadeira, práticas muito comuns entre as crianças, e lhes apresentei a dança da vassoura.

Quando apresentei a dança da vassoura, que nenhum aluno afirmou conhecer, mostrei alguns elementos das danças de casal, como as possibilidades de se segurar no colega (posição das mãos das damas e dos cavalheiros), os giros e rodopios e principalmente os ritmos musicais que são dançados nesse formato. Logo de início foi um pouco difícil que meninos e meninas dançassem juntos, pois as piadinhas com relação ao namoro aconteciam e algumas crianças choravam, outras ficavam bravas e ainda tinham as que não queriam dançar mais. Mas durante as atividades algumas conversas acabaram por romper com essa questão inicial.

Entre os ritmos no formato de dança de casal, dançamos o forró, o samba e o fandango gaúcho. É importante lembrar que eu ia apresentando alguns passos, alguns giros, ensaiando alguns movimentos, mas durante a brincadeira cada casal ia construindo sua própria dança. No decorrer dessas atividades, observei que algumas duplas se mantiveram durante todas as aulas e que quando seus participantes eram separados ao longo da brincadeira, logo tentavam voltar a dançar juntos. Também notei que algumas crianças riam com a presença de ritmos ou de músicas pouco conhecidas, pois procurei trazer a maior possibilidade de músicas para as experimentações nas aulas.

Nesse momento eu já havia organizado meu plano de ensino e era o dia de uma reunião de pais. Como de costume, fui me apresentar aos pais e falar um pouco sobre o trabalho que realizaríamos nas aulas de Educação Física durante aquele semestre. Ao terminar minha apresentação, logo uma mãe levantou a mão e perguntou: “Não vai ter esse negócio de *funk* aqui na escola, não é professora?”. E eu respondi que o ritmo *funk* é uma forma de expressão de um grupo social que merece ser abordado na escola sim, e ainda afirmei que existe um grupo que constrói essa manifestação da cultura corporal que ajuda a compor a diversidade cultural brasileira. Dessa forma, a inclusão das possibilidades de se dançar o *funk* acrescentaria aos nossos estudos a possibilidade de conhecimento da diversidade cultural brasileira. Como o objetivo do trabalho não era aprofundar o estudo sobre o *funk*, expliquei um pouco aos pais as diferenças existentes dentro desse ritmo e que o que nós estudaríamos naquele momento seria uma vertente chama *funk comedi*, em que as letras das músicas são apenas brincadeiras e não trazem palavrões, apelo sexual ou referência ao tráfico ou uso de drogas. Ao final da reunião, algumas mães da mesma sala me procuraram para dizer que eu estava certa, pois o ritmo *funk* está em toda a parte da sociedade e não há como fingirmos que ele não existe. Acredito que a fala dessas mães legitimaram um pouco mais meu trabalho e me ajudaram no discurso para enfrentar as posições contrárias à presença desse ritmo que vinham de dentro da própria escola.

Nesse mesmo dia, também me procuraram algumas mães, principalmente de meninos (apenas a mãe de uma menina), pedindo que eu deixasse seus filhos fora das aulas porque eles não gostavam de dançar.

Novamente argumentei sobre a importância de participar das aulas, pois a Educação Física é um componente curricular que ajudaria seus filhos a conhecer as diferenças que existem em nosso país com relação às danças e, principalmente, destaquei o fato de que eu não estava preocupada que seus filhos aprendessem um jeito certo de dançar. Afirmei ainda que eu não daria nota para os mais habilidosos, mas que meu trabalho ali era principalmente contribuir para que eles conhecessem a diversidade das danças no Brasil, sem a preocupação de se tornarem dançarinos. Dessa forma, combinamos que eles seguiriam participando das aulas da forma que eles pudessem contribuir, sentindo-se à vontade para dançar ou não. Com esse acontecimento, percebi o quanto essa prática corporal ainda carrega consigo uma marca de prática feminina, que por parte dos alunos eu ainda não havia percebido. Então me questionei: “Era um certo preconceito por parte das mães com relação a essa prática ou as crianças estavam realizando as atividades ‘forçadas’ e eu não estava percebendo?”.

Para poder alcançar alguns dos objetivos propostos inicialmente no meu plano de ensino, apresentei aos alunos alguns vídeos com imagens de diversas danças. Enquanto assistimos ao vídeo, fui explicando as possibilidades de se dançar: improvisando, seguindo coreografias, em casal ou em círculos (danças circulares). Nos vídeos todas essas formas de se dançar foram apresentadas, inclusive o mesmo ritmo sendo dançado de formas diferentes, como o *break*, que apareceu em coreografias e no formato de desafio (improvisado). Durante a assistência do filme, algumas crianças riram ao observar danças como o xaxado, a chula gaúcha e o carimbó. Nesse momento, fiz algumas intervenções no sentido de mostrar que estamos rindo porque nós não conhecemos aquelas danças, e que dessa forma estamos desvalorizando o que os brasileiros de outras regiões estão produzindo. Foi legal observar o comportamento dos alunos enquanto assistiam ao filme; mesmo em ritmos desconhecidos, eles se mexiam nas cadeiras, dançando de diversas formas as músicas/danças que estavam sendo apresentadas.

Pensando em aprofundar o conhecimento dos estudantes a respeito das danças, realizei uma atividade de reconhecimento dos ritmos. Selecionei músicas que representassem bem (no meu entendimento) um determinado ritmo musical e fomos conhecendo um pouco melhor cada

um dos ritmos apresentados, como algumas letras das músicas, os instrumentos utilizados em cada ritmo, os principais passos. Fiquei impressionada com a fala de alguns alunos, que reconheciam instrumentos, conheciam letras das músicas e relacionavam as músicas e os ritmos a ações de sua vida. Um aluno reconhecia muito bem os instrumentos musicais, e eu perguntei como ele os conhecia. Ele me respondeu que era porque seu pai era da torcida Morro da Fumaça e que ele ia junto e tocava os instrumentos com a torcida. Outra aluna conhecia a música “Menino da porteira”, não muito presente no seu cotidiano, mas porque já havia assistido ao filme que leva esse mesmo nome e conta a história da música. Um outro aluno contou que seu avô ouvia bastante aquele tipo de música, o sertanejo de raiz, quase todos os dias.

A partir dessa atividade, lembrei-me de que tínhamos a bandinha da escola e resolvi então que experimentaríamos uma vivência de dança com nosso próprio som. Confesso que foi um pouco difícil a atividade, mas foi muito interessante. No primeiro dia, a briga para tocar o tambor foi maior do que a própria aula, mas conseguimos nos organizar de forma que todos experimentassem tocar todos os instrumentos. Durante essa aula, muitos alunos tocaram um instrumento musical pela primeira vez, enquanto outros já ensinavam os colegas e apresentavam a eles o nome dos instrumentos e como se toca. A dança que eu havia proposto praticamente não aconteceu, pois o interesse em tocar os instrumentos era maior do que dançar o som que ali era produzido. Também temos que levar em conta que o som produzido ali não era muito fácil nem interessante de se dançar. Mesmo assim, ora um aluno, ora outro tentou realizar alguns movimentos de acordo com o que seus colegas tocavam.

Como eu já havia apresentado nos vídeos um pouco das danças típicas das regiões brasileiras e falado um pouco sobre algumas possibilidades de se dançar, organizei o trabalho por regiões, tipos de dança e possibilidade de se dançar, de forma a contemplar a maior diversidade de conhecimento possível a respeito das danças brasileiras. Esse recorte foi feito por mim com base nos conhecimentos que fui adquirindo durante a realização do trabalho através das pesquisas, leituras, vídeos, conversas com pessoas da área de dança. Deixei bem claro para os alunos que existem outras danças, assim como outras possibilidades daqueles grupos se

expressarem; mas, pensando em organizar um recorte para a realização do trabalho, foi assim que eu o organizei:

Região	Ritmo	Possibilidade de se dançar	Tipo de dança
NORTE	Boi-bumbá	Circular/coreografia	Folclórica
NORDESTE	Frevo	Coreografia/improviso	Social
NORDESTE	Axé	Coreografia	Social
NORDESTE	Xaxado	Coreografia	Social
NORDESTE	Forró	Casal	Social
SUDESTE	Funk	Coreografia e improviso	Social
SUDESTE	<i>Hip-hop</i>	Coreografia e improviso	Social
SUDESTE	Samba	Casal/improviso	Social
CENTRO-OESTE	Sertanejo	Coreografia/casal	Social
CENTRO-OESTE	Catira	Coreografia	Folclórica
SUL	Fandango gaúcho	Casal	Social
SUL	Rancheira	Casal	Social

É interessante ressaltar que priorizei no trabalho com os 1^{os} anos realizar as danças que classifiquei como danças sociais, pois um dos objetivos era discutir com os alunos nossas possibilidades de criação de danças para que possamos utilizar novas formas de dançar em situações de nosso cotidiano, como festas, aniversários, churrascos, entre outras ocasiões em que, segundo os alunos, eles dançavam.

Durante o estudo dos ritmos selecionados, eu apresentava um vídeo com imagens da dança, ouvíamos algumas músicas que representavam aquele ritmo, experimentávamos os passos daquele ritmo e construíamos nossas possibilidades de dançar. Enquanto assistíamos aos vídeos, tentei proporcionar aos estudantes momentos de leitura dessas práticas corporais, isto é: eu pedia aos alunos que observassem quem são as pessoas (homens, mulheres, crianças, idosos) que estavam dançando, quais as roupas usadas, em quais espaços as danças aconteciam, quais materiais/adereços eram utilizados, quais os movimentos mais importantes. Esse exercício de observação de quais eram os grupos que produziram aquelas práticas corporais foi muito

interessante, no meu entendimento, pois nos ajudou a aprofundar os conhecimentos dos alunos a respeito das danças abordadas e de quem são os sujeitos que constroem e praticam aquelas danças.

Nas danças coreografadas, iniciávamos com a coreografia original da música e, em vários momentos, tentávamos desconstruí-la. Mas confesso que não foi um exercício fácil. Com os ritmos que os alunos não conheciam muito, como o axé e o frevo, os processos de criação das próprias coreografias aconteceram com mais liberdade, pois os alunos apresentavam alguns passos para a composição da dança. Já nos ritmos com as músicas mais conhecidas, praticamente não conseguimos mudar muito os passos, até porque utilizamos algumas letras que dizem o que precisa ser feito durante a dança. Quando isso aconteceu, procurei valorizar também alguns itens importantes nas danças coreografadas, como cada um realizar seu movimento no tempo certo, ao mesmo tempo, ou para o mesmo lado, abordando um pouco mais as questões técnicas das danças. Nesses momentos, notei novamente como a mídia consegue ser superior às nossas ações na escola.



Nas danças de improviso estudamos duas possibilidades: dançar à vontade, criando os passos de acordo com o que se sente ao ouvir a música (os alunos apontaram que é assim que se dança na “balada”), e dançar

no formato de desafio. Os desafios aconteceram nos ritmos *break* e *funk*. Quando a proposta era de desafio, os alunos se desafiavam durante as aulas, compondo seu próprio repertório de movimentos. Foi interessante perceber como os filmes que trouxeram imagens dessa modalidade de dança atraíram os alunos. A questão da competição deixava os alunos muito envolvidos. Os desafios de *funk*, conhecidos como batalha do passinho, estavam acontecendo em um programa de televisão que os alunos assistiam, e muitas vezes eles remetiam ao que tinha acontecido no programa durante essas aulas.



Nas danças de casal, os alunos organizavam seu próprio jeito de dançar, mas utilizando os elementos estudados. Foi interessante perceber como as questões iniciais sobre a formação dos casais não apareceram mais durante as aulas.



Quando estudamos as danças pertencentes à região Norte do Brasil, estudamos especificamente o boi-bumbá, presente no Estado do Amazonas. Apesar da existência dessa atividade folclórica em outros estados e regiões do País, entendi que as particularidades que existem sobre essa prática naquele estado ampliariam os conhecimentos dos alunos sobre a diversidade cultural que estávamos estudando. A existência de uma rivalidade entre os bois Garantido e Caprichoso, a existência de um espaço para a festa, o Bumbódromo, a divulgação dessa festa na televisão aqui da nossa região, enfim, acreditei que nos debruçarmos sobre esse tema especificamente seria mais interessante, pois aprofundaríamos mais nossos estudos sobre essa prática cultural que está um pouco distante da nossa realidade.

Durante as vivências, utilizamos músicas de grupos da região que retratam bem essa disputa entre os bois e nos organizamos em dois grupos: o do Boi Garantido e o do Boi Caprichoso. Para as experimentações das danças do boi-bumbá, utilizamos os bois produzidos para a apresentação das turmas dos 4^{os} anos, pois, na apresentação final, cada ano do ciclo apresentaria uma dança de um ritmo pertencente à região que foi estudada em sala de aula com as professoras polivalentes. Cada aluno pôde escolher a qual Boi iria pertencer; em geral as meninas escolhiam o Garantido, por ser vermelho, e os meninos o Caprichoso, por ser azul, mas alguns não se preocuparam com isso.

Percebi, durante o tempo em que estudamos o boi-bumbá, que as crianças tentavam vir com as roupas da cor do seu Boi. Como o uniforme da escola é azul, diversas vezes as crianças que eram do Garantido tiravam a blusa da escola e ficavam apenas com a camiseta, que é branca, para não parecer que ela estava traindo sua equipe, pois eu havia contado que lá no Amazonas algumas pessoas não usam a cor do Boi rival.



Percebi que pouco abordei o surgimento das danças estudadas, mas acredito que conseguimos discutir um pouco mais o que as danças significam para as pessoas que as praticam, quais os valores e a importância que esses sujeitos dão a essas práticas.

Já que havíamos trabalhado bastante as danças sociais, resolvi organizar uma balada para os alunos. Tendo em vista que nós já havíamos estudado vários ritmos, e me lembrando de que nas falas iniciais os alunos remetiam a festas e baladas, organizei uma baladinha na sala de leitura, com a intenção de observar se as discussões que estavam norteadas as aulas seriam colocadas em prática. Dessa forma eu poderia avaliar o que de fato os alunos estavam aprendendo durante nossas aulas. No meu entendimento e através das falas dos alunos ao final da atividade, percebi que algumas coisas estavam mudando, outras nem tanto. Nessa balada, levei apenas músicas que estão no dia a dia dos alunos e notei, como

ponto positivo, a participação de todo o grupo, que dançava de diferentes formas. Porém, em algumas músicas, a reprodução da coreografia ainda era feita pela maioria da turma. Em depoimento, um aluno me disse que não sabia dançar determinada música que tocou durante a balada, mas aí ele inventou um jeito. Essa fala me fez acreditar que, para alguns alunos, a proposta de dança como possibilidade de expressão dos seus sentimentos durante a música estava acontecendo.

Para um encerramento do trabalho realizado com as danças que contemplasse o projeto da escola, organizamos a festa “Meu Brasil brasileiro que canta e encanta”. Uma festa em que tentamos apresentar um pouco da diversidade cultural brasileira estudada em nossas aulas. Figurinos, danças, enfeites, comidas, enfim, tentamos valorizar um pouco de cada região brasileira. Durante as apresentações das danças, eu contava um pouco da região e das características da dança que seria apresentada, desde o grupo que a pratica, os figurinos, as letras das músicas, para que os pais também entendessem um pouco mais a diversidade que estava ali presente. Tivemos a apresentação de: sertanejo, fandango gaúcho, rancheira, frevo, samba, boi-bumbá, *hip-hop*, *funk*, xaxado e catira.

Para essa apresentação na festa, organizamos as danças de acordo com as regiões de cada ano do ciclo. Os 1^{os} anos apresentaram um fandango gaúcho e uma rancheira, ritmos representantes do estado do Rio Grande do Sul. Para a construção dessas coreografias, utilizei alguns vídeos que apresentavam a dança, já com a coreografia pronta. Porém eram coreografias muito difíceis de realizarmos. A partir daí, construímos nossa coreografia, sempre tentando valorizar as opiniões e sugestões dos alunos.

É interessante observar que algumas mães se envolveram muito no trabalho. Quando começamos a organizar a festa, elas se dispuseram a ajudar e contribuíram costurando todo o figurino das danças (bombachas, saias do frevo, saias do fandango, bermuda para o frevo, roupas para o samba, e até meu figurino foi costurado por elas). É importante ressaltar que essa participação dos pais nas atividades escolares contribui muito para que as ações deem certo, pois o diálogo entre escola e família ajuda a pensar em uma escola que atenda às necessidades e aos interesses dos educandos, e na nossa escola isso acontece frequentemente, os pais estão sempre participando das ações que a escola propõe e promove.

Após a apresentação, a mãe que havia me procurado no início do trabalho pedindo que seu filho ficasse de fora das aulas, veio conversar comigo, dizendo o quanto seu filho havia mudado com relação à prática das danças. Ela apontou que ele está participando mais e demonstrando interesse em atividades relacionadas às danças em casa. Aproveitei para mostrar a ela que o que estudamos nas aulas de Educação Física vai sempre na direção de ajudar os alunos a conhecer um pouco melhor as manifestações da cultura corporal estudada, sem a preocupação de nos tornarmos bons atletas, dançarinos, ginastas etc. Como era o primeiro ano do filho dela na escola e ela não conhecia o trabalho desenvolvido, afirmou que se sentiu mais segura, pois seu filho era muito tímido.

Avaliando o trabalho realizado, percebo que as danças estão muito presentes em nosso cotidiano, mas que pouco valorizamos essa manifestação da cultura corporal no interior da escola. Foi interessante realizar um trabalho de dança com crianças dessa faixa etária. Mostramos que crianças de 6 anos também possuem conhecimentos além das brincadeiras. Quando um aluno me diz que o que mais gostou no trabalho foi usar a bombacha porque se sentiu um caçador, vejo como a questão estudada sobre quem são os sujeitos que praticam aquelas danças contribuiu para que ele entendesse um pouco mais a diversidade brasileira.

Ao final de todo o trabalho, a fala de uma aluna me fez pensar que o trabalho realizado ajudou as crianças a construir ou modificar suas impressões sobre as danças. “Professora, não existe jeito certo ou errado de dançar... cada uma dança do seu jeito, como quer!”